

refeição sobre o mesmo e comer, de tão limpo que estava esse chão que ela limpava. O reprimido ressaltava por onde ela comeria, e no contato permanente com o sujo, em seus atos de limpeza permanente.

Dos relatos históricos se diz, e com justiça, que “a história é escrita por quem vence”. Para isso se recorre à censura, na qual o espaço do não relatado substituiria a rasura de escritos censurados. Poderia se conceber isso como recusa da realidade? Depende de como é gerado. Assim seria, se quem escreve uma história com lacunas o faz inconscientemente, como mecanismo de repressão. Ao contrário, se o fizesse voluntariamente, seria uma censura consciente, por *supressão*. Ainda que o suprimido não apareça no texto, na mente do historiador permanece pré-consciente. Isso pode ser concebido como mentira, ocultação para si mesmo e para os demais.

Nesta época de pandemia, existe, com pouca, alguma ou com muita frequência, uma tendência a *suprimir* –inclusive na população mais responsável–, a fantasiar que se vai sair de casa para fazer um trâmite, até que se tome –ou não– consciência do risco que isso significa.

Este mecanismo mental –*esquecer-de-saparecer*– algumas vezes está vinculado a uma fantasia onipotente do pensamento, e em outras a uma necessidade de esquecer algo, *não muito transcendente*, para dar lugar ao novo.

REFERÊNCIAS

- Ferrari, P. [sgofernandez] (8 de setembro de 2006). *Otro experimento de Pier Ferrari* [archivo de video]. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=_far11Xfz44
- Ferrari, P., Rozzi, S. e Fogassi, L. (2005). Mirror neurons responding to observation of actions made with tools in monkey ventral premotor cortex. National Library of Medicine. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/15811234/>
- Freud, S. (1975a). La escisión del yo en el proceso defensivo. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 23, pp. 273-278). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1938).
- Freud, S. (1975b). Psicología de las masas y análisis del yo. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 18, pp. 63-126). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1921).
- Freud, S. (1975c). Tres ensayos de teoría sexual. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 7, pp. 109-210). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1905).
- Heimann, P. (1950). On counter-transference. *International Journal of Psychoanalysis*, 31, 81-84.
- Laplanche, J.-B. e Pontalis, J. (1993). *Diccionario de psicoanálisis* (pp. 363-365). Barcelona: Labor.
- Racker, H. (1966). La neurosis de contratransferencia. Em H. Racker, *Estudios sobre técnica psicoanalítica* (pp. 182-221). México: Paidós. (Trabalho original publicado em 1948).
- Rizzolatti, G., Fadiga, L., Fogassi, L., e Gallese, V. (2002). From mirror neurons to imitation: Facts and speculations. Em A. N. Meltzoff e W. Prinz (ed.), *Cambridge studies in cognitive perceptual development. The imitative mind: Development, evolution, and brain bases* (pp. 247-266). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511489969.015>
- Saint-Exupéry de, A. (1951). *El principito*. Buenos Aires: Emecé. (Trabalho original publicado em 1943).

Calibán -
RLP, 18(2),
125-127
2020

»

Eduardo de São Thiago Martins*

O direito de esquecer

No fundo, o que os homens desejam unicamente em relação aos mortos é esquecê-los.
Rachel de Queiroz, 9 de novembro de 2002

Sob a lona do circo, ao longo de dez minutos que pareceriam horas, imperava o silêncio, exceto pela respiração amplificada da equilibrista que, no centro do picadeiro, dava forma a um grande móbil composto por treze varas de folhas de palmeiras, de diversos tamanhos, que iam sendo pinçadas com os pés e apoiadas perfeitamente, umas às outras, sobre a cabeça da artista.

O público prendia a respiração. Era como se um espirro, um pigarreio, um suspiro ou um sussurro pudessem mover o ar de tal forma que a obra, delicadamente construída, viria abaixo. A mim, o objeto que dançava sob os holofotes parecia o esqueleto de uma grande baleia, flutuando num espaço de baixa gravidade.

Eu assistia àquele espetáculo – no qual os números circenses se passavam por todos os lados – imobilizado por uma órtese que me protegia dos efeitos de um traumatismo crânio-cervical que eu havia sofrido semanas antes. A vida era delicada, o corpo frágil, e eu tinha tido muita sorte. A “cabeça dura” – como tanto repetiram os médicos – deixara uma marca no pilar de concreto, que optei por não disfarçar. O tombo do-

méstico – que só não foi mais risível por ter sido grave – tinha-me feito cair em mim de um modo nunca antes experimentado.

Nos primeiros meses depois do acidente, eu passava por aquela marca com enorme reverência. Muitas vezes tocava-a gentilmente, numa espécie de saudação cúmplice, grata, lembrando-me de minha finitude e sentindo o prazer de ter continuado no jogo. Marquem: prazer sentido por conta de sua própria transitoriedade, não do trauma em si, que ainda me causava arrepios de lembrança, espécie desprazerosa de excitação.

A queda já completou três anos e a marca no pilar continua lá, para que cá eu possa seguir adiante com minhas cicatrizes; um lembrete, palavra graciosa de quando tomamos nota de algo, para podermos esquecer sem nos esquecer. Às vezes, percebo que meu olhar se volta à marca – hoje, bem menos investida – como o olhar de um escritor que busca um crânio deixado sobre a escrivaninha para ajudá-lo a vencer eventuais inibições que uma página em branco venha a despertar. A marca concreta se tornara símbolo.

* Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

1. *Amaluna*, do Cirque du Soleil.

Freud recorre ao Monumento, uma grande coluna londrina erguida em memória ao grande incêndio de 1666 que destruiu boa parte da cidade, para explicar aos norte-americanos sobre os mecanismos da histeria, em 1910. “O que diriam os senhores de um morador de Londres que, diante do Monument, pranteasse o aniquilamento de sua cidade natal, embora há muito ela se tenha reerguido com tanto mais brilho?” (Freud, 1910/2013, p. 232).

A palavra monumento, em sua etimologia latina, remete a memória no sentido de um alerta, de uma advertência, como um símbolo mnêmico capaz de presentificação ao tornar-se agente histórico de significação da atualidade, *nachträglich*. O monumento é, portanto, um corpo vivo da memória no cruzamento dos tempos, menos afeito às nostalgias e às devoções do que às transformações mundanas. No entanto, para que se possa seguir adiante nesta elaboração, é preciso que as marcas possam falar, que possam agir simbolicamente, pelo tempo que for necessário.

Quando um grupo de cidadãos põe abaixo o busto de um escravocrata nos Estados Unidos da América (EUA), ou então picha, em spray vermelho-sangue, imagens construídas em homenagem aos bandeirantes, em São Paulo – monumentos amortecidos, embalsamados, noite após noite, pela luz fria e dura dos refletores das praças –, este grupo está fazendo o monumento trabalhar (*Durcharbeiten*²) em toda sua complexidade de significante: “Alerta! Este trauma se repete, ainda não foi elaborado.”

O que distingue atos de protesto como estes, daqueles histéricos, é que estes são compreensíveis (pelos dados da realidade), são potencialmente solúveis pelo trabalho de pensar (considerando o pensamento como ensaio da ação, neste caso, política) e são congruentes em sua estrutura (brados de repulsa contra atos de violência), tomando por base os argumentos freudianos

desde o Projeto de uma psicologia (Freud, 1954[1895]/1995). Derrubar a estátua é, portanto, fazê-la reaparecer; é recordar, para um dia poder esquecer.

O direito de esquecer não é dado àqueles que seguem sendo continuamente re-traumatizados, seja positivamente – pela via da violência explícita –, seja negativamente – pela via do desmentido, da desqualificação da dor ou do desaparecimento.

Voltando ao circo. Assim que a equilibrista concluía a construção do móbil flutuante sobre sua cabeça, ela o transferia à ponta de agulha de uma vareta apoiada no chão, dava alguns passos atrás para admirar sua obra e, sem titubear, retirava a menor das peças da escultura. Num milésimo de segundo, tudo ia abaixo, aos olhos do público que, ao presenciar a negatização da imagem, percebia-se fortemente marcado por uma ausência-presente.

Um objeto desaparecido pode deixar marcas negativas indeléveis – uma ausência-ausente – conforme a qualidade de seu desaparecimento. Em *Além do princípio do prazer*, Freud (1920/2010) designa o terror como “o estado em que ficamos ao correr um perigo sem estarmos para ele preparados” (p. 169), enfatizando o fator surpresa, e distinguindo-o da angústia (como sinal e preparação para o perigo, ainda que desconhecido) e do medo (que se sente frente a um objeto determinado).

Pesarosamente, sabiam disso as Mães de Maio, e outras tantas Zuzu Angel³ latino-americanas que, desprovidas do direito de esquecer – ou pior, desprovidas do direito à angústia –, seguiram vagando em círculos imorredouros, re-traumatizadas, a cada revolução fracassada pela cruel ausência de palavras sobre os corpos desaparecidos de seus amores, terrivelmente nunca-perdidos.

Outro exemplo de violência pela via negativa nos remete ao contexto atual da pandemia. Em meados do primeiro semestre da

quarentena, recebo a seguinte mensagem de uma pessoa que vive na periferia de São Paulo: “Estou confusa. É pra usar máscara, ou não? O presidente diz que é frescura..., mas e meus cinco vizinhos que já morreram?”.

Como elaborar um luto frente ao desmentido da própria morte? Lembremos a novíngua autocrática de Orwell (1949/2009), na qual palavras e sentidos iam desaparecendo para restringir o escopo do pensamento dos oprimidos. Uma vez que não houvesse mais palavras para se referir a algo, estaria extinto.

Quando um chefe de Nação se dirige aos que não tiveram o direito de velar seus mortos com a frase “Todos nós iremos morrer um dia”⁴ (G1, 29 de março de 2020), num ato de desqualificação da dor e do medo, ele massifica a experiência da morte e a rebaixa à sua maior cruzeza, destituindo o sujeito em luto de agentes de elaboração, através da desvalorização absoluta daquilo que lhe seria mais valioso: as marcas simbólicas da perda traumática.

Não seria justamente essa a qualidade fantasmagórica, de uma ausência-ausente, a do objeto perdido pelo melancólico, cuja sombra recai sobre o sujeito que acaba por mimetizar o desaparecimento súbito e a negatividade das marcas simbólicas ao se defenestrar, por exemplo? Não seriam esses atos negativos de violência os principais envolvidos nas psicopatologias do vazio, ou ainda nas dinâmicas auto-hetero-explosivas dos atos puros, segundo o modelo teórico que Herrmann (maio, 2005) denominou regime do atentado?

Frente à pandemia de violências negativas que assolam o século XXI, imerso na cultura dos cancelamentos e ghostings da virtualidade, nunca foram tão urgentes as lunetas, lupas e pergaminhos do cigano Melquíades, de Gabo, que ao retornar da morte traz a cura da peste quando faz valer o direito de lembrar, para então poder esquecer, para só então poder se lembrar (García Márquez, 1967/2019). Direito primordial, reivindicado pelos gritos das Antígonas, de hoje e sempre: o direito ao luto.

REFERÊNCIAS

- Freud, S. (1995). *Projeto de uma psicologia*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1954[1895]).
- Freud, S. (2010). *Além do princípio do prazer*. Em P. C. Souza (trad.), *Obras completas* (vol. 14, pp. 161-239). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (2013). *Cinco lições de psicanálise*. Em P. C. Souza (trad.), *Obras completas* (vol. 9, pp. 220-286). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1910).
- G1 (29 de março de 2020). Após provocar aglomeração durante passeio em Brasília, Bolsonaro volta a se posicionar contra o isolamento social. Globo. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/29/apos-provocar-aglomeracao-durante-passeio-em-brasil-bolsonaro-volta-a-se-posicionar-contra-o-isolamento-social.ghtml>
- García Márquez, G. (2019). *Cem anos de solidão*. Rio de Janeiro: Record. (Trabalho original publicado em 1967).
- Herrmann, F. (maio, 2005). *Da psicose de ação à adição vazia*. Em I Simpósio Internacional do Adolescente: Adolescência hoje: Desafios, práticas e políticas. Simpósio promovido pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sciarttext&pid=MSCO000000082005000100013&lng=en&nrm=abn>
- Orwell, G. (2009). *1984*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1949).
- Queiroz, R. (9 de novembro de 2002). Culto aos mortos. *O Estado de São Paulo*. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20021109-39834-nac-70-cd2-d12-not>
- Sófocles (trad. em 1990). *Antígona*. São Paulo: Companhia das Letras. (Obra do século V a. C.).

1. Referente ao conceito freudiano de *Nachträglichkeit*; *après-coup*, no francês, ou “a posteriori”.

2. Palavra comumente traduzida do alemão como elaboração ou perlaboração. Literalmente, “trabalhar (*arbeiten*) através (*durch*)”.

3. Zuleika de Souza Netto, estilista de moda, foi assassinada durante a ditadura militar brasileira, em 1976, depois de enfrentar as autoridades na procura de seu filho, Stuart Angel, assassinado pelo governo e transformado em desaparecido político. Em 2019, as mortes de mãe e filho foram finalmente atestadas como “não natural, violenta e causada pelo Estado brasileiro, no contexto da perseguição sistêmica e generalizada à população identificada como opositora política ao regime ditatorial de 1964 a 1985.” (Revista Época, 09/09/2019 - <https://epoca.globo.com/brasil/hildegard-angel-sobre-certidoes-de-obito-da-mae-do-irmao-resistencia-funciona-23937097>)

4. Fala de J. Bolsonaro em discurso informal, em 29 de março de 2020.